

VIDA
MUNDIAL
ILUSTRADA

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

ANO II — N.º 77 — LISBOA 5 DE NOVEMBRO DE 1942

PREÇO AVULSO: 1 ESCUDO



Salazar cumpriu o seu dever.
O país seguiu o seu exemplo!

O SUBMARINO, *terrôto dos mares*





As eleições de deputados no distrito de Lisboa

O sr. Presidente de República depois de ter entregue o seu voto na Assembléa de Cascais.

No último domingo realizaram-se em todo o país as eleições de deputados. Foi mais uma admirável manifestação de unidade nacional a registada, pois toda a nação votou, como em outras ocasiões, com a mesma plena consciência da importância dessa grande compreensão cívica e o mesmo interesse em proclamar a sua inteira solidariedade com o Governo.

O sr. ministro do Interior, no domingo à noite, recebeu os jornalistas e mostrando-se entusiasmado com o resultado obtido disse:

— O brilhante resultado das eleições — disse o sr. dr. Mário Pais de Sousa — não deve ser apreciado somente pelos números, mas ainda, e sobretudo, em face das dificuldades da hora presente. As minhas impressões por aquilo que já hoje vi em Lisboa, são as melhores, mas não quero manifestar-me antes de ter os resultados positivos de todo o País. Se me perguntarem as razões da minha declaração, perguntar-lhes-ei, por minha vez, estiveram no Liceu de Camões, na Faculdade de Ciências, no Liceu de Pedro Nunes, na



Dois aspectos das assembléas que funcionaram na Escola Machado de Castro e no Liceu de Pedro Nunes.



Escola Industrial de Machado de Castro, em Santa Marta? Esta é a melhor resposta à vossa interrogação.

— A unidade nacional, traduzida no acto eleitoral de hoje, acrescentou o ministro do Interior — é a mais expressiva afirmação do prestígio dos chefes! Ontem véspera das eleições, eu disse que tinha a maior confiança nas virtudes deste povo. Hoje ao presenciar o que se passou em Lisboa e ao ser informado da maneira como as eleições decorreram, em todo o País, resta-me dizer que tinha razão para confiar!

— As percentagens da votação, se não atingiram as da eleição presidencial — o que não admira, perante o alto prestígio do venerando Chefe do Estado — foram, no entanto, uma eloquente demonstração de civismo e de unidade nacional que o povo português deu ao Mundo!

Hollywood

colabora no esforço de guerra da América

MUITO antes da guerra ter perturbado o sistema nervoso do indivíduo e das multidões, já os homens eram vítimas da inquietação irremediável que colocava os problemas da felicidade humana em planos inacessíveis. E o cinema agitou esses problemas que atormentavam governos e homens de Estado, contribuindo até para se desenvolver uma espécie de senso catastrófico. Os heróis que escaparam da metralha da outra guerra e os soldados que tomaram no inferno de ferro e fogo das grandes batalhas vislumbram,

através dos filmes, a sombra da morte a seguir-lhes os passos, a contar-lhes os dias, de minuto a minuto. O cinema concorreu muito para aumentar a inquietação e converter o mundo florido dos nossos antepassados no mundo estéril e melancólico dos contemporâneos. O tema guerra foi manancial que nunca secou. Nos últimos tempos, os filmes só nos falavam de fardas, de torpedos, de granadas de mão, de arame farpado, de zumbidos de aviões. Houve momentos, até, de verdadeiro «blackout» artístico, exemplos de espírito saturado de cultura que tinha a limitá-lo regiões inexploradas para a alegria das aventuras intelectuais.

Não há que estranhar, portanto, que os habitantes de Hollywood tenham trocado, sem sombra de hesitação, os fatos de trabalho pelos fardamentos das «U. S. Forces». Nestas alistaram-se já, ou foram chamados às fileiras, 2.336 empregados de todas as categorias das principais empresas cinematográficas norte-americanas. Robert Montgomery foi dos primeiros a desertar da tela, solicitando uma comissão de serviço, como tenente da reserva naval dos Estados Unidos. Voou num bombardeiro através dos céus nebulosos do Atlântico e apresentou-se em Londres na qualidade de assistente do adido naval à embaixada americana. Outro, que lhe seguiu o exemplo, foi o filho de Douglas Fairbanks, também tenente da reserva naval. Desempenhou-se brilhantemente da missão que lhe incumbiu, pessoalmente, o Presidente Roosevelt, junto das Repúblicas Sul-Americanas. Atesta-o o facto de Oswaldo Aranha, ministro dos Negócios Estrangeiros do Brasil, ter pedido para Washington que Douglas Fairbanks Junior ficasse no Rio de Janeiro como adido à embaixada da sua pátria.

Quatro outros grandes nomes do cinema colaboram efectivamente na guerra. São os realizadores W. S. van Dyke, John Ford e Lloyd Bacon;



GILBERT ROLAND, MARIDO DE CONSTANCE BENNETT, GUARDA UM CAMPO DE CONCENTRAÇÃO NOS ARREDORES DA CIDADE DE S. FRANCISCO



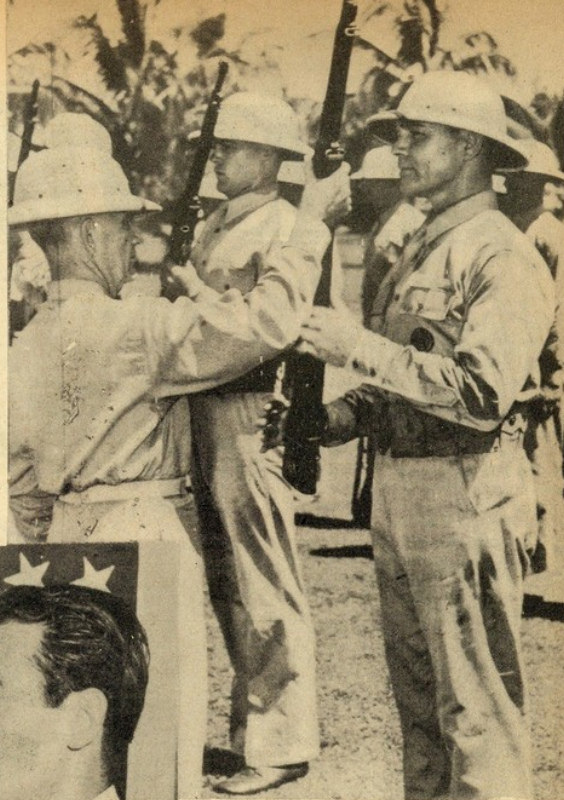
JOAN FONTAINE, À ESQUERDA, COM A MULHER DE HARRY HOPKINS, O AMIGO PESSOAL DO PRESIDENTE ROOSEVELT

e o operador Gregg Tolland, que ocupa lugar de tenente na secção fotográfica da Armada.

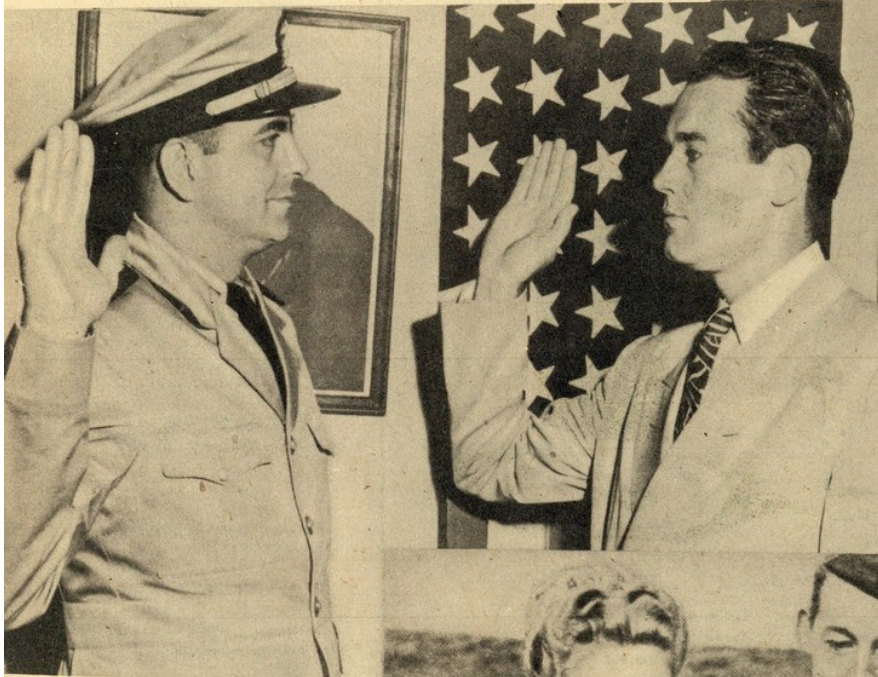
Os casos de Clark Gable, Lew Ayres e o próprio capitão James Roosevelt, que é produtor de filmes em Hollywood—são conhecidos. Acrescentemos, agora, os de James Stewart, que, poucas semanas antes de se incorporar no Exército, recebeu o primeiro prémio de interpretação da Academia; de Wayne Morris, que, à força de desempenhar papéis de oficial, quis vestir a farda «de verdade»; de Wallace Beery, promovido recentemente a tenente-comandante da Aviação; de Henry Fonda, que nem as gracinhas dos seus três pimpolhos o desviaram do cumprimento do dever; de Gilbert Roland, que fez entontecer a cabeça de Norma Talmadge, nos tempos da outra guerra...

Todos estes, como tantos outros que tornam interminável a lista de nomes dos que abandonaram Hollywood para se colocarem ao serviço da pátria, renunciaram a ordenados fabulosos, atiraram para trás das costas a fama e a felicidade. Partindo de pontos diversos da profissão cinematográfica, todos chegam a um mesmo objectivo, encontrando-se numa curva tristonha do caminho que atravessa o mundo—hora rezme te inquieta de visionários de uma idade melhor, de uma nova era de reparação de injustiças milenárias e de humilhações seculares!

AUGUSTO FRAGA.



CLARK GABLE, ASPIRANTE A OFICIAL QUANDO DO EXERCÍCIO FINAL, ACEITA A ESPINGARDA DAS MÃOS DO CORONEL MCNAIR, QUE FOI SEU INSTRUTOR



HENRY FONDA PRESTANDO JURAMENTO AO SER ALISTADO, COMO VOLUNTÁRIO, NO EXÉRCITO NORTE-AMERICANO



A ENDIABRADA ANN SOTHERN SORRI AO EXPLICAREM-LHE O MANEJO DA ALÇA NUMA METRALHADORA MODERNA.

CALÇADA DA GLÓRIA

SINFONIA DE ABERTURA

HA quem encontre, por vezes, analogias entre os homens e as flores. Quem diz homens, diz mulheres — e até com mais forte razão. Mas haverá realmente pontos de contacto entre as flores, os homens e as mulheres? Ou estaremos em presença duma simples alegoria poética, visando meros pontos de vista literários? Quando nós dizemos Fulano é uma flor, Sicrano é uma flor, corresponderá isto a uma fictícia imagem ideal — ou, de certo modo, a uma palpável realidade? As opiniões divergem. Uns afirmam que sim, outros afirmam que não. «Chacun sa vie — chacun sa vérité». O sr. Alfredo Moreira da Silva e Filhos, Limitada, por exemplo, entende que homens, mulheres e flores possuem tanto de comum que, com frequência, se confundem. O seu último catálogo, datado de Outubro, não nos deixa, a este respeito, quaisquer dúvidas. É positivo e categórico. Dir-se-ia mesmo que as flores que nos dá a honra de nos apresentar, deixaram de pertencer, pelas suas características, ao reino vegetal — se não preferimos dizer que muitas pessoas nossas conhecidas se converteram em produtos daquele reino. Com a devida vénia, permito-me inspirar-me, neste momento, na vasta floricultura do sr. Alfredo Moreira da Silva e Filhos, Limitada, oferecendo a V. Ex.^{as} alguns notáveis tipos de flores, verdadeiras flores humanas que parecem colhidas em pleno jardim de Epicuro.

* * *

Eng. Duarte Pacheco — Rosa vermelho-carmezim brilhante, com tons escuros aveludados; deliciosamente perfumada.

* * *

Dr. Rafael Duque — Rosa vermelha violácea, aveludada.

* * *

Dr. Carneiro Pacheco — Rosa vermelha cardinal, iluminada de salmão.

* * *

General Domingos de Oliveira — Rosa amarelo-damasco manchado de rosa-flor de pessegueiro; muito perfumada.

* * *

Dr. Mendes Correia — Rosa amarelo e magenta, aveludada.

* * *

João Pereira da Rosa — Rosa vermelho laca alaranjada, brilhante, mesclada de salmão e amarelo.

* * *

Dr. Júlio Dantas — Rosa de todo o ano, elegante e distinta, de péta-

LÁPA... RATOMIA!



Linda donzela,
Terna, amarela,
Como uma estréla
Do meu sonhar,
Quando te vejo,
No meu ensejo,
Sinto o desejo
De te pintar!

O que há em ti
Que eu sempre vi
Em dó ou mi
A palpitár?
É o talento,
Esse unguento
Que é um portento
Sempre a pintar!

Rosas e lírios,
Fúcias, martírios,
Vários delírios
De arregalar!
Ó querida Lapa,
Branda, à sucapa,
Nada te escapa
Para pintar!

las onduladas, com reflexos académicos.

* * *

Dr. Ramada Curto — Hortênsia, de excelente aroma, forma curta, mas muito perfeita.

* * *

Dr. Lopes de Oliveira — Rosa de grandes pétalas em forma de bigode, vermelho intenso, florescendo continuamente.

* * *

Dr. Sousa Costa — Dália gigante, côr de laranja, matisada de amarelo.

* * *

Dr. Afonso Lopes Vieira — Planta de estufa verde-esmeralda, com nervuras côr de lilás.

* * *

Félix Bermudes — Violeta singela, muito delicada, de excelente aroma.

* * *

Aquilino Ribeiro — Flor silvestre, de perfume saudável e campesino.

* * *

António Botto — Lírio branco, muito odorífero.

* * *

Dr. João de Barros — Magnólia, flor branca, persistente.

* * *

Dr. Joaquim Manso — Retinospora Obtusa Gracilis Aurea.

* * *

Dr. Augusto de Castro — Admirável trepadeira cobrindo-se das mais belas côres, branca, amarela, rosa, salmão, rôxa, mais ou menos carregada, florescendo todo o ano.

* * *

João Correia de Oliveira — Rosachá, muito pálida.

* * *

Dr. Francisco Veloso — Planta vivaz, dando umas flores côr de rosa em espigas, espécie de crónica internacional.

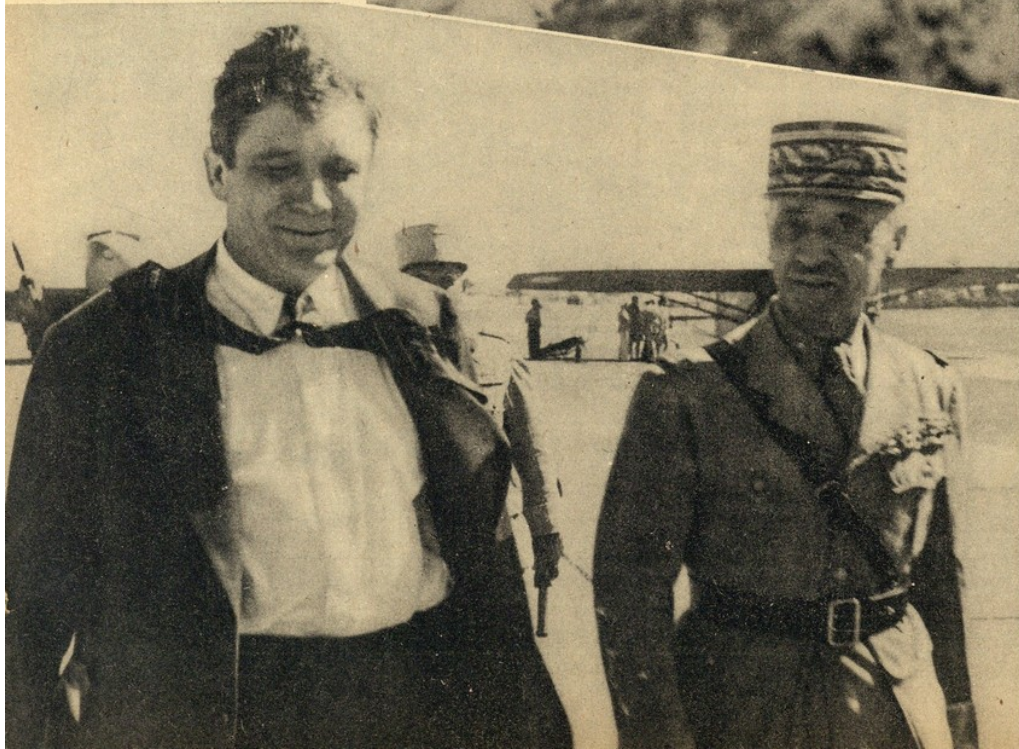
Lá fora



Jam Sahib de Nawanager—
Marajah da Índia—que se
encontra em Inglaterra em
viagem de recreio, assistiu,
fardado com o seu uniforme
de aviador britânico, a uns
arriscados exercícios de para-
quedistas num campo de
avição ao norte de Liverpool.
(Foto Britanova)



No Rio de Janeiro, o sr. almi-
rante Aristides Guilhem, mi-
nistro da Marinha brasileiro,
ciferceu um almoço ao sr. ge-
neral Escudero, chefe da
Missão Militar Chilena, que
visitou o Brasil em Setembro.



Wendell Willkie—que ouviu
todos os chefes militares na
viagem aérea que fez a tôdas
as «frentes» (percorreu 50.000
quilómetros)—falou há dias
ao povo americano dando-lhe
as suas impressões. Na gra-
vura, vê-se o delegado de
Roosevelt, ao chegar ao aerô-
dromo de Beirut, acompanhado
pelo general Catroux,
chefe militar das Fôrças Livres
Francesas do Médio-Oriente.
(Foto Britanova)



A "Tragédia" dos "eléctricos" em Lisboa ~ por Stuart Carvalhais

Jan Smuts,

Segunda sorte da Inglaterra

Recordações de Francisco Velloso

HA uns pares de anos, durante um daqueles espantosos espectáculos no planalto de Kimberley, em que se disputam quasi desportivamente os *claims* da terra dos diamantes, Christian de Caters exclamava numa roda de conhecidos onde me encontrava, também à ver pela vez primeira o quadro típico sul-africano a que os jornais dedicavam fartas reportagens:

— Mas isto é a América do Oeste há quarenta anos!

A frase do interessante escritor francês e viajero incansável nunca me esqueceu, porque resumia não só a viva impressão do que ali se me apresentava, mas essa sensação trepidante, de «nação nova», que sempre me tomou ao contacto com o meio sul-africano. No átrio, mais opulento do que belo, do Rands Club, um friso de fotografias bordando o cimo do alto roda-pé, começava por um velho retrato de uma planura despida, onde se erguia escasso grupo de casas de madeira e parava junto da mais alta um «*trek*» de carros boers. A mão do amigo que para ali me conduziu, lembrava-me nesse conglomerado a cidade magnífica, construída na encruzilhada das grandes regiões mineiras: Johannesburgo.

Uma data reportava o quadro a menos de cinco decénios atrás. Tudo isto, e outros pormenores me sobreveio agora ao eco da exclamação de Caters, e volto a pensar como naquele momento que ainda em 1836, chegavam aquelas terras vindas do sul, repugnadas da colonização britânica, as cordas dos emigrantes boers que vadeavam o Orange, afluente do Val, para treze anos depois fundarem a república transvaliana cuja independência a Inglaterra iria reconhecer sem mais remédio.

Iniciava-se assim a época heroica. Os boers do Transval tinham tempo de dominar as próprias dissenções, diante da urgência diária de jugular as revoltas dos cafres, insofridos de que lhes arrancassem o poderio. Os alarmes, as algazaras eram contínuas. As memórias de tais tempos narrem crueldades arripiantes. As lutas no Oeste norte-americano contra o pele-vermelha são episódios fortuitos em cotejo destes combates que ainda não haviam sequer amortecido quando em 1877 a Inglaterra proclamou a anexação do país à colónia do Cabo. A indignação boer rebentou. Os ingleses batidos e repellidos, houveram de ceder, reconhecendo em 81 e 84 a independência do Transval contentando-se com uma espécie de vaga suzerania nominal em Pretória.

Quando Jan Christian Smuts nasceu em 1870, em Riebek, no distrito de Malmesbury, a educação familiar impregnou-se destes zêlos patrióticos que ele levou para a universidade inglesa de Cambridge com modos sacudidos e um talento que o apontaram aos camaradas. Em 95, surgiu no fóro do Cabo, bem



MARECHAL SMUTS

(Quadro de Neville Lewis)

depressa o assomo inato de boer, sem mistura, o arroja à política. E desse ano o seu primeiro discurso defendendo o acordo de Hoffmeyer e Cecil Rhodes. Dir-se-hia que, por antevisão secreta, já se lhe colocara no espirito a ideia central que mais tarde, ao lado do general Botha, depois da guerra, haveria de dominar a carreira do estadista: — a lealdade à ordem imperial, no trabalho e na paz, e a conciliação unitária da nação sul-africana.

A ambição de Rhodes, sonhando no seu gabinete da Chartered intransigentemente com o império de Jack, do Cairo ao Cabo, deitou o acordo por terra, ao apoiar o «raids» do dr. Leandro Jameson, seu médico e mandatário, em 96. A guerra veio em 99. Smuts, advogado em Johannesburgo, era há um ano procurador geral da República, nomeado por Kruger, No Transval aos dez anos os rapazes boers recebiam dos pais um cavalo e uma espingarda. Smuts trazia na pele e no animo o binco destas tradições.

Alistou-se no exército. Couberam-lhe os trabalhos da organização da defesa. Acompanha Delarey e Botha. Atravessa durante dois anos a tragédia de heroísmos que vai desde as derrotas inglesas iniciais ao cerco de Landismith e às supressões sangüinárias de Kitchener nos campos de concentração, passando sobre montões de cadáveres de guerrilhei-

ros, mulheres e crianças. Estava comandando o assédio ao campo mineiro da Namacualandia quando Botha o chamou às conferências da paz em Vereeniging em 1902, afrontando orgulhosamente Milner e Kitchener, ao lado do general seu amigo, de De Wet e de um juiz boer chamado Hertzog, seu futuro rival no governo da União.

Jan Smuts, assinada a paz, é um dos homens da África do Sul. Não há passo da vida nacional em que a sua alta estatura não se destaque: nas conferências com José Chamberlain em Pretória, preparando a reconstrução nacional; na luta contra Milner, na criação do partido nacional «Het Volk» (Povos Unidos); na conquista da autonomia em 1906 que lhe dá extraordinária saliência no gabinete Botha no ano seguinte; nas negociações que rematam no «Act» de Outubro de 1908, e dois anos volvidos na independência dentro da comunidade imperial. Ao lado de Botha, então chefe do partido sul-africano ou republicano desde 1911, fica no mesmo lugar quando Hertzog abre cisão. Dentro de anos e primeiro ministro. A Grande Guerra encontra toda a política sul-africana regirando em torno da sua personalidade, e foi essa a sorte da Inglaterra. Smuts vence as revoltas de De Wet, do coronel Maritz que fugiu para Angola, e de Beyers.

Depois, está com Luís Botha em Versalhes a assinar a paz, retorna à política, sufoca greves no Rand, dá o golpe de 1924 para consolidar a unidade do poder contra as facções que dilaceram o país nascente a quem fora marcado, por sua mão, lugar proeminente no império. Como há poucos dias, em 14 de outubro de 1942, na sala do parlamento britânico, quando terminou a primeira conferência imperial, a Câmara dos Comuns e a Câmara dos Lords, também se reuniram mas então em festivo banquete para ouvir proclamada pela sua voz sobre as páginas do Estatuto dos Domínios — assim ela parece predestinada a soar em horas decisivas — a fundação do «Commonwealth», o bloco imperial das nações britânicas que, mais do que no tempo da velha rainha, erigiu a Inglaterra às alturas de Cartago. Antes, em 17, encontrara-se com o conde de Mensdorf em Génova em tentativas de paz que abortaram, como depois iria a Budapeste verificar os resultados da insurreição de Bela Kun...

A presença física de Smuts, a quem lhe conhece a carreira, sugeria-me tudo isto uma manhã no átrio imponente de Victoria Station quando o então nosso prestigioso Cônsul geral na África do Sul, Jorge de Oliveira, me quis apresentar ao encontrar-se ali com ele e outros deputados que iam tomar o expresso de Cap Town para a abertura da sessão parlamentar. Alto, corado, enquadado, dir-se-hia que a ponta aguda da pêra branca lhe completa no franzir dos olhos claros uma como subtendida ironia que Camacho lhe descobriu, no fim das conferências sobre o regime da nova Convenção, com a preciosa assistência orientadora de Freire de Andrade, quando ao observar-lhe a dúvida de que o parlamento da União aprovasse os pontos de vista ambiciosos do general, sobre o porto e caminho de ferro de Lourenço Marques, este lhe respondeu com certo sorriso que o jornalista — alto comissário, à maneira do Eça, traduziu por: «Espera por isso!...»

Hertzog, então chefe do governo, chegava à estação pouco depois, com o seu olhar de repouso por detrás das lentes dos óculos redondos, o bigode mal aparado de morsa a cobrir-lhe o rictus dos lábios. Os dois galos de grande crista saudaram-se como quem eram. O combão partiu pouco depois. O Jorge de Oliveira e outros membros do corpo diplomático seguiram também, a assistir àquele acto solene da política da União, em tempos já sombrios, que prenunciavam o conflito, cuja ecloração levantaria de novo Smuts até ao sobérbo palácio de granito que em Pretória ao topo da colina que protege a silenciosa cidade colonial de Kruger, é sede do governo sul-africano, ostentando o mesmo traçado e imponente fachada, do que, em Nova Delhi, guarda o governo do Viso-Rei da Índia. A guerra, esta guerra, como a outra, topos Smuts no poder. E a Inglaterra teve sorte pela segunda vez...

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

capítulo XV - A evolução americana



O coronel Frank Knox

2

DOIS PERÍODOS

A história da evolução norte-americana, antes da entrada dos Estados Unidos na guerra, pode dividir-se em dois períodos distintos: antes e depois da derrota da França. Efectivamente, foi este acontecimento, de incalculáveis repercussões em todo o mundo, que determinou uma transformação radical nos sentimentos e na vontade da opinião pública daquele país. Mais do que todos os comícios de propaganda, do que todos os artigos dos jornais, do que todas as sugestões que costumam animar o complexo jogo dos movimentos colectivos nos Estados Unidos, o seu povo ficou decisivamente impressionado pelo espectáculo da força alemã movendo-se irresistivelmente em direcção às costas do Oceano Atlântico. Por um lado era a impressão produzida pela derrota, no curto prazo de quarenta dias, do exército francês, considerado uma das mais poderosas organizações militares de todos os tempos; por outro, era a ameaça que, para a concepção fundamental da liberdade dos mares, representava a ocupação pelos alemães de toda a costa ocidental da Europa desde Kirkenes até ao Golfo de Biscaya.

Assim, o norte-americano que vivia na obsessão dum perigo amarelo que considerava

iminente, voltou os olhos para o outro lado do seu litoral e começou a preocupar-se mais com as potências do «eixo» e com a sua actividade do que com os movimentos, aliás bem sintomáticos, que simultaneamente se iam registando tanto na política interna como na política externa do Japão. A Europa, mais do que a Ásia, começou a constituir para ele a preocupação dominante.

Um terceiro motivo havia ainda a acrescentar aos que acima ficam registados, o qual contribuiu também para a evolução dos Estados Unidos. No início das hostilidades era convicção geral entre o povo norte-americano que a luta se desenrolaria nesta guerra de maneira idêntica àquela que se verificara na última conflagração. Quando, com a derrota rápida da França, a ilha britânica ficou directamente ameaçada pelo perigo de uma invasão que a todos parecia iminente, o sentimento geral modificou-se de maneira irremediável.

ACTIVIDADE DIPLOMÁTICA

Mas antes de julho de 1940, a querela entre isolacionistas e intervencionistas dominava o panorama da vida interna nos Estados Unidos. Os primeiros serviam-se de todos os argumentos e utilizavam todos os pretextos para entrar os movimentos dos órgãos da Administração e para criar uma atmosfera geral de reprovação em volta da acção do presidente da República que, ninguém o ignorava, era um partido decidido do auxílio incondicional às nações ocidentais da Europa, o qual, a prazo mais ou menos longo, e desde o jogo complexo das ligações internacionais, não podia deixar de conduzir à intervenção aberta e declarada.

O primeiro cuidado do presidente consistiu, por isso, em se informar, o mais rigorosamente possível, sob se o que se passava no continente europeu. E se lhe era impossível já restabelecer uma paz que no fundo iria ferir os seus sentimentos mais caros, havia ainda para ele a possibilidade de saber com exactidão o que se passava, orientando-se, primeiro, para poder orientar os seus compatriotas no dedalo das contradições e das complicações em que, era facilímo prevê-lo, o mundo acabaria por se envolver. Foi assim que o presidente tomou, desde o começo do ano de 1940, a iniciativa de substituir, em boa parte, a diplomacia oficial confiada aos representantes diplomáticos dos Estados Unidos nas capitais europeias, o sistema dos contactos pessoais por intermédio de personalidades da sua confiança. Esse sistema havia de ser, durante todo o conflito, largamente praticado pelo chefe da nação americana que, para esse efeito, teve ao seu serviço um conjunto de individualidades cuja acção se fez sentir nos acontecimentos europeus. Entre os enviados especiais do presidente à Europa contaram-se, na primeira fase da aplicação do sistema dos contactos pessoais, o subsecretário de Estado Sumner Welles, o embaixador Myron Taylor e o coronel Donavan, e, depois, quando a entrada dos Estados Unidos na guerra se tornou inevitável, os amigos do presidente, Harry Hopkins e Iverell A. Harriman, o primeiro dos quais foi um dos elementos que decidiram da intervenção americana.

A abertura da sessão do Congresso em Janeiro de 1940 foi o pretexto aproveitado pelo presidente da República para chamar a atenção dos representantes do povo norte-americano e, por intermédio deles, da opinião pública do seu país, para a gravidade da situação internacional. Ao mesmo tempo o presidente revelava os números dos orçamentos dos departamentos da Defesa Nacional, os quais apareciam poderosamente reforçados. Para o Ministério da Guerra e para o Ministério da Marinha, especialmente para este último, os créditos a votar eram bastante mais elevados do que os que haviam sido votados no exercício anterior. A proposta presidencial aparecia justificada pelas necessidades de intensificar a defesa, não apenas dos Estados Unidos, mas de todo o continente americano. As conclusões da Conferência do Panamá e o espírito que presidira à:



Sumner Welles.

resoluções que nela haviam sido tomadas, habitavam o presidente dos Estados Unidos a aparecer como intérprete da vontade da América, tanto do Norte como do Sul, na sua necessidade de se manter neutral, mas de se não deixar atacar.

Surgiu, então, o problema do hemisfério ocidental e dos seus limites. Em que consistia, sob o ponto de vista geográfico e político, esse hemisfério? Quais eram os seus verdadeiros limites? O assunto fez correr rios de tinta dum e doutro lado do Atlântico. As nações europeias do «eixo» pressentiam que, à medida que a sua força crescia, os Estados Unidos caminhavam da defensiva verbal para a ofensiva activa, primeiro no campo da diplomacia, depois no campo da preparação militar.

E sabiam que a expressão exterior dessa transformação de que afinal dependia o desfecho da guerra, era o avanço da linha ideal que demarcava nos planos os hemisfério ocidental. Enquanto essa linha coincidiu com o traçado da costa oriental dos Estados Unidos, e é ar evidente que os isolacionistas dominavam o ambiente e o presidente, como os seus colaboradores, se limitavam a um jogo tático que procurava dominar os seus adversários no plano interno. Quando ela se deslocou até à Islândia, nem em Berlim nem em Roma podia haver quaisquer dúvidas sobre a decisão inabalável dos americanos de não deixar que a Grã-Bretanha ficasse derrotada no conflito.

OS PRIMEIROS ENVIADOS

No mesmo dia, 17 de Fevereiro, embarcaram para a Europa os primeiros enviados especiais do presidente Roosevelt: o embaixador Myron Taylor e o subsecretário de Estado Sumner Welles. O primeiro recebia a designação oficial de embaixador especial do presidente junto do Vaticano e teve várias entrevistas com o Sumo Pontífice. A existência de uma larga percentagem de católicos entre a população norte-americana e o propósito sempre afirmado pelo Chefe da Igreja Católica de desejar aproveitar todos os ensejos que se lhe oferecessem a fim de contribuir para o restabelecimento da paz, eram circunstâncias que justificavam amplamente a missão de Myron Taylor.

Quanto ao papel atribuído ao subsecretário de Estado, Sumner Welles, reveste-se de um carácter inteiramente diverso. Sumner Welles era, simultaneamente, uma personalidade da confiança do presidente e desempenhava uma função pública de grande relevo. A sua posição aparecia ainda particularmente realçada por se saber que o chefe do Departamento do Estado em Washington, Cordell Hull, estava cansado e depositava em seu mais próximo e categorizado colaborador uma confiança illimitada. Sumner Welles esteve nas capitais dos países do «eixo» e nas capitais das nações ocidentais, conferenciando com Hitler e Ribbentrop, Mussolini e Ciano, Chamberlain e Halifax, Lebrun, Daladier e Reynaud.

Em meados de Março regressou ao seu país com uma bagagem preciosa de informações. Era seu objectivo, ao empreender tão demorada viagem, recolher apenas essas informações de que o presidente absolutamente precisava para orientar a sua acção? Tudo indica que sim. Mas naquela altura era geral a convicção de que Sumner Welles se propunha desempenhar um papel de mediano para o qual, aliás, o indicariam a sua categoria e qualidades pessoais e a situação especial do país que representava. Mas se era, efectivamente, de mediação que se tratava, a missão do subsecretário de Estado americano terminou por um malogro total. Os grupos de beligerantes na Europa afirmavam, categoricamente, o seu propósito inabalável de se baterem até à vitória final.

RESPOSTA A UM APELO

O regresso de Sumner Welles trouxe uma grande desilusão ao público norte-americano. Este começou a habituar-se à ideia da fatalidade da guerra e as reuniões promovidas pelas organizações isolacionistas, entre as quais se destacava a organização «America First», que tinha à sua frente o senador Wheeler e o coronel Lindbergh, começaram a ser perturbadas por interrupções em que a exaltação do espírito nacional constituía a nota predominante. A invasão dos pequenos países da Europa ocidental, Noruega, Bélgica, Holanda e Dinamarca, emocionou a opinião nos Estados Unidos. Entretanto os ingleses instalavam, a

título de medida de precaução, as suas tropas nas Faroe e na Islândia, e a Groenlândia começou a chamar as atenções dos dirigentes de Washington, onde se discutia a situação jurídica criada àquele país pela entrada das tropas alemãs na Dinamarca. Encarando a hipótese duma acção eventual dos alemães, o Departamento do Estado iniciou negociações com o representante da Dinamarca em Washington e nomearam, para esta cidade, um cônsul com funções especiais.

Este período de tensão, em todo o mundo, teve o seu ponto culminante quando o chefe do governo francês dirigiu um apelo emocionante ao presidente dos Estados Unidos antes de abandonar o poder. O sr. Reynaud pedia que, através do Atlântico, fossem enviadas em socorro da França nuvens de aviões que batesses a Luftwaffe. A resposta demorou dois dias a chegar. Nem as nuvens de aviões ainda tinham sido construídas nem o presidente dispunha de poderes constitucionais que lhe permitissem tomar qualquer atitude no sentido desejado pelo sr. Paul Reynaud. O pedido não foi, portanto, satisfeito. Reynaud abandonou o governo, constituindo-se o novo governo francês presidido pelo marechal Pétain para negociar o armistício com os alemães.

O presidente ia aumentando, as cifras orçamentais que se referiam aos armamentos do exército, da marinha e da aviação, já tomando certas medidas defensivas mas não podia ir mais além, pois além de todas as outras razões sabia que estava a expirar o prazo do mandato presidencial.

DOIS NOVOS MINISTROS

Em 29 de Julho reunia-se em Havana uma nova conferência pan-americana cuja convocação aparecia plenamente justificada pelo agravamento da situação na Europa. Com a conferência de Havana suscitou-se o caso, de capital importância para as repúblicas sul-americanas, das possessões de países europeus no hemisfério ocidental. O acto de Havana, aprovado naquela conferência, estabeleceu que qualquer atentado, de uma potência europeia, contra a integridade ou a inviolabilidade das fronteiras de qualquer república americana seria considerado como um acto de agressão contra todas as outras. Nesse mesmo mês de Julho as despesas para a defesa nacional foram ainda aumentadas. Com as cifras reveladas nessa altura, foi revelado igualmente um plano importante de rearmamento que previa a constituição dum exército de dois milhões de homens e a construção duma poderosa esquadra denominada a esquadra dos dois Oceanos (Atlântico e Pacífico) e duma aviação que deveria ser superior à de qualquer país da Europa.

Com estas inovações coincidiu uma transformação no elenco governamental norte-americano. O presidente, embora filiado num dos grandes partidos constitucionais dos Estados Unidos, o partido democrático, julgou chegado o momento de criar no país um ambiente de união e de unidade nacional, chamando ao poder dois elementos categorizados da oposição. Convidou para subsecretários de Estado da Guerra e da Marinha, respectivamente o sr. Stimson e o coronel Franck Knox, categorizados elementos do partido republicano. Um e outro tinham sido, durante o período agitado do «New Deal», adversários implacáveis da política interna do presidente. Mas um e outro tinham afirmado a sua inteira solidariedade com a orientação da política externa preconizada pelo sr. Roosevelt e que este, em parte, não podia realizar dada a energia que o partido republicano punha, nessa altura, em se solidarizar com a corrente intervencionista.

A entrada dos srs. Stimson e Knox veio dar uma nova força ao governo sem lhe prejudicar a estabilidade. Acrescia a circunstância de ambos serem elementos bastante dinâmicos, capazes de desenvolver uma acção profícua nos departamentos de lhes foram confiados.

A ESCOLHA DOS CANDIDATOS

A escolha dos candidatos para a eleição presidencial que devia realizar-se dentro de pouco tempo provocou um recrudescimento da agitação nos Estados Unidos. Cada um dos grandes partidos por que se repartia a opinião pública nos Estados Unidos teve de considerar não apenas o aspecto capital das suas necessidades no plano da política interna mas de encarar também as repercussões eventuais que

as suas decisões deviam ter no plano da política externa em que a nação cada vez afirmava mais expressivamente a sua vontade de não se deixar ultrapassar pelos acontecimentos. O partido democrático, fez recair a sua escolha no sr. Roosevelt. Era um acto sem precedentes na história daquele país, onde a reeleição dum presidente provoca, geralmente, dificuldades que se tornam irremovíveis. No caso de que se tratava, a candidatura dum homem de Estado para uma terceira eleição constituía um acontecimento de tal importância que, durante algum tempo, os dirigentes do partido democrático hesitaram em o encarrar. Finalmente foram ainda as razões supremas do interesse nacional e as exigências da política internacional que prevaleceram. Os Estados Unidos não queriam mudar de piloto no momento em que à sua volta se acumulavam as nuvens e as ameaças.

O partido republicano escolheu, contra o parecer de alguns dos seus chefes mais representativos, um elemento conhecido nos meios económicos e comerciais do país mas que o grande público ignorava. Tratava-se do sr. Wendell Wilkie, que iniciou, imediatamente, a sua campanha com uma declaração que punha termo a todos os debates. O candidato do partido republicano afirmava a sua concordância com a orientação da política externa seguida pelo seu adversário. Mais do que isso: afirmava, de maneira categórica, que, no caso de ser ele o eleito, aumentaria o auxílio em material que estava sendo prestado pelos Estados Unidos à Grã-Bretanha, quaisquer que fossem as consequências que os seus actos pudessem acarretar. Mais abertamente do que o sr. Roosevelt, o sr. Wilkie encarou, portanto, a eventualidade de os Estados Unidos entrarem na guerra, separando assim, de maneira ostensiva, os actos do partido que representava da acção do isolacionismo oficial representado por um grupo de senadores e pelo coronel Lindbergh.

O PANORAMA EUROPEU

Para compreender bem o que se passou nos Estados Unidos entre Julho e Novembro de 1940, quer dizer entre a derrota da França e a reeleição de Roosevelt, é preciso não esquecer o que se passava na Europa. Ao colapso francês sucedera a ameaça contra a Grã-Bretanha. Essa ameaça, embora se não traduzisse por uma tentativa formal de invasão, traduziu-se por uma violenta acção da Luftwaffe, conduzida no céu da Grã-Bretanha. As principais cidades inglesas, e entre todas de maneira especial a cidade de Londres, foram objecto de bombardeamentos violentíssimos que a população suportou com decisão e estoicismo. Esses bombardeamentos sucederam-se, precisamente, ao longo dos meses de Agosto, Setembro e Outubro. Com o fim deste mês coincidiu o termo da ofensiva diurna da Luftwaffe, que passou a operar quasi exclusivamente de noite.

Os relatos impressionantes do que se passava na Europa começaram a encher as colunas dos principais órgãos da imprensa norte-americana. O desarmamento da Grã-Bretanha e a falta de aviação com que este país lutava eram tidos como um ensinamento que precisava ser aproveitado no caso de os governantes norte-americanos quererem poupar as cidades dos Estados Unidos à triste situação a que haviam sido votadas as cidades britânicas. Assim, antes mesmo de ele ser reeleito, a política de rearmamento intensivo preconizada pelo presidente e pela Administração encontrava uma justificação clamorosa nos factos que estavam ocorrendo na Europa.

Mas a política de rearmamento conduzia, em linha recta, à intensificação do auxílio à Grã-Bretanha. Foi nesse sentido que começaram, efectivamente, a orientar-se os círculos políticos de Washington. Nas vésperas da eleição presidencial, acto de significação transcendente que havia de marcar durante quatro anos o destino dos Estados Unidos e, com ele, o destino do continente americano, as posições estavam tomadas. A luta entre republicanos e democráticos ia ter uma expressão viva, como é sempre a expressão das competições eleitorais nos Estados Unidos. Mas a luta entre isolacionistas e intervencionistas terminava com a vitória destes últimos. Essa vitória não era o produto de qualquer campanha de propaganda, mas dos factos que se estavam produzindo.

(Continua)

Isto é Alfama!



Esta negra de al d'outro a luz dos olhos das crianças e o recanto de um tabuleiro florido...

«EM o monte mais alto onde está o castelo, com tudo o que corre entre as Portas do Sol e Furo, até à Ribeira— aqui está Alfama, no dizer de D. Nicolau de Santa Maria, na sua «Crónica dos Clérigos Negras».

Alfama, a velha, a primitiva cidade, a mais antiga e verdadeira Lisboa que a célica moçica guardava bem guardada de assaltos de piratas e crianças; Alfama de «Alhambra»— que significa alho— é hoje isto: uma cidade dentro de outra cidade, de que restam vestígios de muros e muralhas, de torres e castelo. É mais: o Arco da Moura, antiga porta do mar; o Arco de Jesus, outra antiga porta do mar; e o Arco do Beco das Moças, junto do Chiado da Rua— equívoco no outro nome da cidade se foram levadas pela força do camaleão do tempo, do progresso e dos terramotos.

Hoje, Alfama, que teve lidalguia e casas ricas, quasi não passa de um bairro pobre, com a sua expressão triste, até fazer tristeza— decadência que é imagem de todas as decadências: domínio do tempo e da desgraça, desondar negro da roda da fortuna...

As ruas são estreitas— oh! negro pitoresco, reflexo da miséria do irmão que não podemos trazer para um lugar do sol— e as fachadas emparralhadas em casas sem ventilação, e luz mal espelha pelas talhaças das talpas desunidas das casas e das ruas.

Alfama, a popular, a vida operária, a de guitarra gemendo à luz da lua— bairro de pobres na luta pela vida; que ostenta bandeiras brancas de paz, pelas janelas e portas esgarçadas nas paredes polidas pelo tempo.

Alfama é isto que se vê nesta página.

Alfama também é este Beco das Flores. Flores sem aroma que chegue para nutrir a desgraça das pobres nem o alvoroço de um por renovar na rua triste onde as curvas não se fazem...

Alfama... ruas velhas, bairros desitinos de traço marcado triste.



A calçada de S. João da Praya, com semelhanças com o padrão dos compridos — Venho do mercado...

...Este corredor, formado por dois prédios. Mal passa um homem por dia, para que lá em cima, os dois beirais se esguercem num longo beijo— beijo que vem da queda dia em que a terra tremou, no ano de 1755 e que o fotógrafo surpreendeu num cliché que higitamos único...

Um prédio quatuorcentista que o terramoto não quis levar, supondo que o deixaria apenas para função documental da época...



(Fotos Seródio)

Reconciliação

por Teixeira Leite

PORQUE seria que ela ao passar sempre por aquela porta se detinha como presa de fascinação mágica ou tocada de estirinha supersticiosa? Aquella era a porta dum Café de má nota, frequentado em regra por mulheres duvidosas e por quem as demandava. E ella era uma criatura séria, uma senhora casada...



Nesse dia ao jantar elle chegara tardíssimo. E depois de a beijar, sentaram-se em silêncio à mesa e em silêncio, apenas cortado pelo ruído dos talheres, começaram a comer.

Comida que foi a sopa, os olhos erguidos para elle, esperou numa interrogativa muda que elle se explicasse. Mas elle nada disse, todo absorvido na leitura do jornal. (Dir-se-ia que alguma coisa o preocupava).

A sobremesa, como reatando uma conversa interrompida, a disfarçar o nervosismo no modo como amarroutou o guardanapo, ella perguntou:

— Afinal, onde te demoraste tu tanto?

Era a primeira que, em quatro meses de casados, lhe fazia tal pergunta. (Verdade seja, também, que era a primeira vez que elle chegava atrasado para o jantar).

Ele, entretido com a leitura, respondeu com um monossílabo distraído, que tanto podia significar no jornal, como em qualquer outra parte.

Ella não insistiu; mas via-se-lhe na maneira despeitada como mordeu os lábios que não se contentam.



Deitaram-se. Ella, porém, não adormeceu logo. Cedo elle risonou — e aquêle corpo ali a seu lado, colado ao seu, sentindo-lhe o calor que d'elle se desprendia, fêz-lhe pensar, a seu pesar, numa multidão de coisas passadas há tanto tempo... (Ou há tão pouco ainda? Não o sabia ella dizer ao certo, tanto alguns factos lhe appareciam como longínquos, quasi adormecidos no subconsciente, como outros lhe surgiam recentes).

Via-o, ainda, a passear-lhe debaixo das janelas, num ar muito petulante. Via-o, depois, a tirar-lhe o chapéu, num gesto grave, não isento de elegância. Depois, em casa da mamã a namorá-la; por fim, aquella noite em que os dois d'elle a pediram em casamento.

Na véspera do «grande dia», conversaram sôzinhos na casa d'elle

jantar sob a vigilância descuidada da Milú, a mana mais nova.

E o que elle, então, lhe disse e as promessas que lhe fizera e as frases ternas que trocaram? (A despedida beijou-lhe a fugir as pontas dos dedos, aproveitando um momento de distração da mana, demasiado preocupada com o bordado...).

¿E tudo para quê? Tudo parecia esquecido. Que ingratos e impostores são os hemens, meu Deus!

Como alheio a estes pensamentos, elle continuava a risonar.



Estavam lado a lado — e no entanto tão longe um do outro...

Há já muito, que ella andava com a pedra no sapato: Aquêles beijos rápidos, sem calor, que ultimamente elle lhe dava à saída, depois de engolido à pressa o almôço. Ao almôço também quasi não trocava palavra, a não ser para dizer: — Está bom, está bem feito! — Chega-me a água! ou: — Ainda vi o esto! embrenhado sempre na leitura do jornal. (Antigamente, ainda com ella trocava impressões sobre qualquer romance que nos últimos tempos causara sensação, ou acerca do filme mais

em voga — e elle sorria-se benevolmente dos disparates adoráveis que ella dizia ao traçar comparações entre a arte da Marlène e da Bette Davis, ou entre a beleza sensual da Dorothy Lamour e a beleza insinuante e misteriosa da Heddy Lamarre).

E aquêle seu modo desprendido de tudo, sem sequer se preocupar com as «toilettes» d'elle, a dizer ao menos «gosto, não gosto»; «está bem, está mal»; «não saias com esse vestido, leva antes aquêles, que gosto mais».

Depois, ao deitar, muita vez

E ella, a palerma, descansadinha em casa, certa d'elle, a fazer os seus arranjos, a apurar-se na «mayonnaise» de que elle gostava, a fazer-lhe d'oce, a passar-lhe as gravatas, para elle ir bonito e engomado para os braços da outra... Pena que o cartão, datado de quarta-feira, já fôsse antigo, que ella havia da a apreciar-lhes de surpresa, a desmascará-los quando elles menos se precatassem... Porcaihões...

Afastou-se d'elle com nójo. Ganas de lhe encher a cara de bofetadas...

E excitada pelos próprios pensamentos, pelos incidentes insignificantes que ella auto-relacionava, succumbida ao péso da crua realidade, não se pôde conter que as lágrimas não lhe espirrassem dos lindos olhos e, furiosa, qual Juno despeitada, desabotou a ira, há tanto contida, com um punhada sobre o innocente colchão, que estremeceu...

Ella voltou-se estremunhada: — Tens alguma coisa? Porque não dormes?

— Espertina — resmungou, de mau-humor, virando-se de lado.

— Volta-te e dorme; não adormeças de barriga para o ar... — ainda aconselhou, em voz de sono.

Bem te conheço. Egoísta. «Volta-te e dorme», como quem diz: «deixa-me dormir sossegado». Clínico. Sonhavas com a outra, se calhar.



No dia seguinte, tornou tarde ao jantar. Ella sofreu uma vez mais em silêncio, não se atrevendo a interrogá-lo. (Sabia de antemão que a sua resposta não a satisfaria).

Até que elle pediu uma xícara de café «bem forte e bem quente», «porque teria que fazer serão aquella noite».

— Outra vez? — interrogou admirada, suspendendo a colherada de doce.

(Era a segunda noite que, em quatro meses de casados, elle saía só, alegando serviço extraordinário).

— Sim, filha, tem que ser... — murmurou em ar aborrecido, como se isso de facto o desgostasse.

Aqui, os seus nervos não puderam mais. (Viu-o melhor penteado que de costume e com a gravata nova de seda que ella lhe dera pelos anos, e elle ainda não estrecara... Ella que esse dia mal reparara nêles, os olhos cansados de chorar e intimamente preocupada com a sua dôr. Só elle parecia não dar por nada. Como os homens são egoístas... E aquêles perfume estranho que elle trazia no casaco...)

— Ou tu deixas de vir atrasado ao jantar e acabas dumá vez com esses serões imaginários, ou eu vou para casa da mamã — gritou

irritada, arremessando o guarda-napo.

—Joana ouve, sé razoável...
E ante a surpresa d'ele e o espanto da criada que entrava com o café, ergueu-se de repelão, o lenço nos olhos, a refugiar-se no quarto, aos soluços...

Ela olhou para a criada como a interrogá-la da brusca metamorfose, mas ela como alheia a tudo que não fôsse o serviço, começou a levantar a mesa, de olhos baixos, uma expressão sentida, a condizer com a atmosfera de «tempestade doméstica».

Ela voltou para duas e meia da manhã. Ela não estava. Interrogou a criada: — que a senhora esperara por êle a pé até a uma hora, que levava uma mala de mão e fôra para casa dos pais...
Como atordado, deixou-se cair em cima da cama, sem forças para protestar ou tentar sequer compreender...

Ela voltaria certamente, passada a crise, na manhã seguinte. (Mas, que a teria motivado? perguntou-se ansioso, Ciúmes, já?).

Mas, passou-se a manhã e a tarde — e ela sem vir. Inquieto, telefonou para casa dos pais dela. A criada que atendeu, depois de perguntar o nome, voltou dizendo que «a senhora não estava».

A noite tornou a falar. Mal, porém, lhe ouviram o nome, desligaram bruscamente. Tentou a seguir ligação mais duas vezes — e não foi melhor sucedido.

Por orgulho, também não a procurou.

Essa noite não a quis passar só em casa, com receio dos fantasmas da imaginação.

Para tentar esquecer a falta dela no lar, foi até ao Café.

Estava quasi deserto àquela hora. Sôzinho jantou, e sôzinho bebeu o café. O ambiente tornava-o soturno, sem ter com quem falar, «para não pensar nela».

Foi até à «Chic», onde costumavam aparecer amigos. Ao ver se dentre êles estaria algum de mais confiança com quem desabafar e pedir conselho, e ver «que atitude convinha tomar».

Sentou-se e mandou vir outro café. Enquanto relanceava os olhos pela sala, a percorrer a assistência, reparou pela terceira vez que uma rapariguita (os seus quê? talvez que os seus dezasseis, dezôito anos incompletos...) o fitava com uma insistência quasi provocadora. Aborrecido a princípio, acabou por sorrir, lisonjeado, levando instintivamente a mão ao nó da gravata, que a garota não era desengraçada. Ela correspondeu ao sorriso, adoptando ainda mais o olhar.

E como puxasse do maço de cigarros, esquecido em cima da mesa, ela mandou pedir-lhe um pelo criado.

Sentou-se à mesa d'ele, ajustando a saizinha de riscado num arzinho comprometido, muito gaiato, de colegial, que o desvaneceu. Conversaram de ninharias: êle perguntou-lhe o nome, a idade, onde nasceria; ela respondia a tudo, o olhar baixo, como enleada, entredida com a colherzinha do café — a mesma resposta estudada para todos.

Confessou-lhe que a tratavam

por Odette, mas que o seu verdadeiro nome era Maria da Nazaré. O outro era «nome de guerra»... Se viera de casa dos pais para ali? Não; antes, trabalhava em costura; vivia sôzinha — e como se desempregara...

Estavam nisto, quando êle virando-se casualmente de um com os olhos n'ela. Vinha embrulhada num casaco de peles, acompanhada dos pais.

Perturbou-se a ponto de o ciarregar lhe queimar os dedos. Ela ficou como que pregada ao passeio. Era, então, aquela garota, aquela fedelha, a preferida — a perturbadora da paz do seu lar? Como os homens são.

E ali ficaria espedada, se a mãe não a arranca por um braço:

—Então, menina, vamos que são horas, quando não não chegamos a tempo. (Iam à «première» do Tivoli).

E vendo-a emurhecida: — Que foi que te aconteceu? Parece que viste um lobishomem...

Impressionaada ainda, a distarçar num sorriso murcho, cortou a loquacidade curiosa da mãe: — Nada...

A mãe fingiu que acreditou; o seu sentido de mulher, porém, dizia-lhe que de coisa importante se tratava...

Ao primeiro intervalo, como lhe notasse o aspecto abatido, apesar do cómico do filme, perguntou em voz baixa: — Era Êle?

Ela fêz que sim com a cabeça, duas lágrimazinhas a brilharem-lhe nos olhos.

A mãe interpretou isto como bom sinal — e por delicadeza não adiantou mais.

Ao fim de dois dias, como já não pudesse com as saudades, com o coração em sobressalto dirigiu-se a casa dos pais dela, a tentar «uma explicação».

As fontes a baterem-lhe como martelo em bigorna, tocou acampainha. Nenhum ruído dentro de casa. Esperou. Impacientado, tocou segunda vez. Ainda ninguém, desta feita. Estaria a casa deserta? Ou tê-lo-iam visto entrar o não lhe queriam abrir propositadamente? Ao fim de alguns minutos, quando hesitava em tocar uma vez ainda, ou ir-se embora — veio abrir-lhe uma criada de avental branco e touca, que declarou a sorrir «que não estava ninguém em casa e que a Senhora (aqui sublinhou bem a palavra) já tinha saído».

Como estúpido, sem atinar com uma palavra, desceu os degraus, de cabeça baixa, derrotado.

«Já tinha saído» (pensou cá fora, mais lúcido). Que queria ela dizer com aquilo? Tê-la-iam levado para fora, para ela o esquecer? Seriam capazes de tudo...

A ruminar vingança, entrou como doido em casa e como doido trepou a escada, dum fôlego, sem reparar em quem o esperava lá em cima, no patamar, um sorriso de doce perdão nos lábios.

Sem encontrar que dizer, caíram nos braços um do outro, confundindo beijos e lágrimas...

E Ela, agora, ao passar sempre pela porta do Café, espreguia num alvoroço, entre receosa e esperanzada, não esteja lá a outra, a expeturbadora da paz do seu lar.

Final, fôra ela, «a garota», que sem querer os reconciliara...

O GRÁFICO DA PERSONALIDADE HUMANA: O CARÁCTER E A ESCRITA

FOR CLOTILDE RANDI

A Té há poucos anos, quando alguém de espírito curioso, mesmo em roda de gente culta (não bem informada aliás) falava da possibilidade da escrita registar o temperamento (mercê das deformações rigorosamente individuais que o sub-consciente introduzia nos símbolos estereotipados do modelo caligráfico da escola, transformando-o num instrumento vivo de análise psicológica), logo dúvidas, ironias, desinteresse se levantavam para reduzir ao silêncio quem se armava em corredo de inovações. A ignorância era geral, inclusivamente dos dicionários do povo, que mencionavam grafologia e grafólogo de forma pejorativa.

O horizonte de grafo-psicologia (vocabulo mais preciso do que grafologia) é hoje todo outro.

Menos culta é considerada a pessoa desdenhosa ou ignorante de tão útil ciência. E as boas enciclopédias justamente elucidam o leitor da grafo-psicologia — esta disciplina auxiliar na pesquisa da personalidade humana.

É o caso do «Larousse du XX^{ème} siècle» da Grande Encyclopédie Française (vol. «La Vie Mentale») que podem ser consultadas frutuosamente.

As causas por que a escrita regista as formas individuais da vida intelectual (memória, imaginação, juízo) da vida afectiva (avidez, sociabilidade, bondade) com as suas combinações de sínteses particulares, são resumidamente as seguintes:

O acto de escrever para se cumprir exige o uso de faculdades intelectuais e um esforço fisiológico, desde o momento que a criança inicia o aprendizado caligráfico imitando os traços rudimentares do modelo.

Apesar de a individualização na escrita se realizar logo (o facto é provado pela criança que reconhece os seus próprios traços), só mais tarde, quando os actos de ler e escrever, se tornaram perfeitamente automáticos, correctos e correntes, a personalidade se afirma deixando que cada um se mostre tal como é.

O aparelho sensível que é o aparelho, sistema nervoso, regista no papel um gráfico, que é necessário observar independentemente das le-

tras, e que corresponde à actividade psico-motora do seu autor.

Ouçamos agora o que diz o Dr. Santana Leite, do Instituto de Medicina Legal:

«Não se propõe o método científico (da grafologia) adivinhar a idade segundo o calendário e o destino; o seu objecto é o estudo psicológico da letra como gesto expressivo inscrito, o seu caracter (tendências intelectuais e morais que traduz. Não tem nada de divino ou sobrenatural, nem de esotérico.

Ilude e ilude-se quem julgar subtrair d'ele a visão do futuro ou do passado e outros esquipiticos absurdos.

Inicialmente adquirida por imitação dos modelos caligráficos ensinados, a pouco e pouco, a escrita toma caracter pessoal. Cada um se serve da sua pena, não só consoante a sua habilidade manual, mas também segundo a sua destreza intelectual.

O caracter individual da escrita encontra-se perfeitamente assente no consenso geral.

É o que explica e justifica o seu poder póstumo e a garantia legal da exclusividade no uso da assinatura como sigla individual.

Certamente, o estilo gráfico varia, como da infância à adolescência e da adolescência à juventude, muda a nossa attitude, a nossa gestualidade, a nossa figura e o nosso pensamento.

Assim como destas transformações incessantes, a nossa personalidade mantém as suas características fundamentais, assim também a escrita conserva por entre as vicissitudes da vida, o seu substracto pessoal.

CONSULTÓRIO PSICO-GRÁFOLÓGICO

Para os leitores de «Vida Mundial Ilustrada» iniciamos este consultório. Assim podem enviar-nos espécimes de escritas para análise, acompanhados da rubrica ou assinatura: dum pseudónimo.

Publicaremos a resposta gratuitamente, que será rápida e concisa.

Resposta desenhada só por intermédio do Instituto Grafológico Português.



NOVO HORÁRIO NOTICIÁRIO EM LÍNGUA PORTUGUESA TODOS OS DIAS

Horas	Estações		
7.50 Noticiário	2 RO 4	m. 25.40	Kc/s 11.810
	2 RO 21	m. 19.92	Kc/s 15.060
11.20 Comunicado Q. G. I.	2 RO 8	m. 16.84	Kc/s 17.820
	2 RO 17	m. 15.31	Kc/s 19.590
13.10 Noticiário	2 RO 7	m. 16.88	Kc/s 17.770
	2 RO 21	m. 19.92	Kc/s 15.060
21.40 Noticiário	2 RO 11	m. 41.55	Kc/s 7.220
	2 RO 22	m. 25.10	Kc/s 11.950
21.40 Noticiário		m. 221.1	
		m. 263.2	
23.00 Noticiário	2 RO 6	m. 19.61	Kc/s 15.300
	2 RO 18	m. 30.76	Kc/s 9.760
	2 RO 19	m. 29.04	Kc/s 10.330

CONVERSAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

20.20 (Domingo)	m. 25.70	Kc/s 11.695
20.20 (Quarta-feira)	m. 30.52	Kc/s 9.830

Análises psico-grafológicas para conhecimento de si mesmo e dos outros.

Peça informações ao Instituto Grafológico Português, Rua Chaby Pinheira, 23, 2.º, Esq. — Lisboa.

7 dias de Cinema

por Fernando Fragoso

QUANDO Robert Louis Stevenson, em meados do século XIX, escreveu «Dr. Jekyll and Mr. Hyde», estava longe de supor que, de dez em dez anos, com uma regularidade de assombrar, o seu romance iria servir de tema ao espectáculo favorito das multidões. Três versões de «O Médico e o Monstro» (1920-1932-1941) em pouco mais de quarenta anos de cinema — eis um «récord», que vale por uma consagração!

Quais as razões do êxito desta história, fantástica e convencional, que o filme, por força dos seus recursos, nos apresenta com extraordinária sugestão de veracidade?

Muitas considerações poderíamos formular para responder à pergunta. Mas todas elas ficarão relegadas para um plano secundário, se tomarmos em linha de conta a paradoxal humanidade do tema — o interesse apaixonante do problema que debate. Por ser real, por ser verídico, por ser humano — «Dr. Jekyll and Mr. Hyde» resiste à acção do tempo e não perde nenhuma das qualidades que o tornaram famoso!

A luta entre o Bem e o Mal é a tragédia íntima do Homem. Tragédia tanto maior quanto é certo que ambos se espreitam, prontos a exercer o seu domínio ao menor sinal de fraqueza de que o outro dê mostras. Dentro de cada homem — vive o «monstro», acorrentado pela Consciência, pela Educação, pela Religião, por todas as forças que enformam o espírito e pelas que dirigem o indivíduo nas suas relações com a sociedade.

Robert Louis Stevenson imaginou um «filtro» capaz de desdobrar a personalidade, uma poção neutralizadora do Bem e do Mal, para desfazer o equilíbrio e deixar cada um imperar por si. Sob a acção do último, o homem transformava-se fisicamente num ser horrível e repelente. E até neste facto há uma parcela de verdade, pois o Mal, por via de regra, marca, na face, estigmas profundos, que não é possível dissimular aos olhos experientes.

Sob a aparência duma fantasia, o drama de «O Médico e o Monstro» é, como dissemos, o drama da própria Humanidade — dum lado, a tentação de colher o fruto proibido; do outro, a tranquilidade do espírito, a calma e repousante felicidade do dever cumprido. «Mr. Hyde» vive horas alucinantes de prazer, para satisfação dos seus instintos inconscientes. Mas, na vida — só contam e perduram os momentos em que «Dr. Jekyll» se entrega à missão filantrópica de fazer alguma coisa pelo semelhante, ainda com sacrifício das suas ambições e da sua comodidade.

O «médico» que supõe ter na sua mão a fórmula segura para

dominar o «monstro», que libertou numa hora de curiosa ansiedade — acaba por ser vencido por ele, porque, de instante a instante, «Mr. Hyde» ganha ascendente sobre a alma e a carcassa do «Dr. Jekyll». Também este aspecto do filme tem na vida uma correspondência exacta. O homem bom, que envereda deliberadamente pelo mau caminho, acaba quasi sempre por ser vítima dos seus próprios erros.

A estranha novela de Stevenson adquire, deste modo, valor simbólico — com o paralelismo flagrante

ficou do melhor quilate.

Quanto a mim — prefiro a versão que Victor Fleming agora nos deu, quer sob o ponto de vista técnico, quer sob o aspecto da concepção e «resolução» do espectáculo. Mas reconheço que o «Médico e o Monstro» de Mamoulian foi, na sua época, um «acontecimento» e teve, por consequência, uma projecção e uma repercussão nas plateias, que a terceira versão nunca terá. As razões já as apontámos atrás e nada têm que ver com as qualidades intrínsecas da obra.



entre a fantasia do autor e a realidade dos factos.

* * *

Poucos terão visto a versão muda de Robertson, que Barrymore interpretou logo a seguir ao «Beau Brummell». Mas, em compensação, os cinéfilos maiores e vacinados, guardam da realização de Mamoulian uma recordação imperecível. «Frankenstein» e os outros «monstros» eram, então, ignorados. E Frederick March provocou desmaios e arripios de pavor. O público ainda não estava caído dessas emoções terroríficas...

É difícil estabelecer comparações no cinema, mesmo quando se trata de dois filmes que abordam o mesmo tema. Os dez anos que medeiam entre eles — dez anos de evolução e de progresso da técnica cinematográfica — impedem-nos de nos pronunciarmos, de forma simplista. Bardèche e Brasillach consideram «simplesmente ridículo» o «Médico e o Monstro» de Mamoulian. Dizem até que ele apeou o realizador arménio do pedestal a que subira com «City Streets». Mas a verdade é que se não pode negar àquele filme um excepcional interesse espectacular, valorizado por momentos cinematográ-

Obscuro pela ideia de descobrir a fórmula capaz de operar o desdobramento da personalidade, o Dr. Jekyll (Spencer Tracy) prossegue incansavelmente as suas experiências.

De filme para filme — parece-nos interessante notar — o «monstro» ganha em correcção física o que perde em monstruosidade. John Barrymore era um «Frankenstein» hirsuto e simiesco. Frederick March aproximava-se do gorila, na dentuça arreganhada e nas mãos cobertas de pelo. Spencer Tracy dá-nos, agora, a mais sóbria de todas as versões do satânico Mr. Hyde. O espectáculo desloca-se, deste modo, do plano «grand-guignolesco» em que se colocara, para o realismo dos nossos dias.

É foi talvez, por esta razão, que ouvimos, a meio do filme, alguém comentar, para o vizinho do lado, como se tivesse sido logrado na sua expectativa:

— Até agora, ainda não vi o «monstro»!

E, no entanto, o «monstro» estava presente. Mas era um «monstro» diferente. Um monstro «possível». Um «monstro» que podia passear pelas ruas de Londres — sem levar uma multidão de ga-

rotos, atrás. Frederick March, com a sua caracterização grotesca, tinha uma exteriorização mais horripilante — mas incomparavelmente mais falsa.

A grande virtude do «Dr. Jekyll and Mr. Hyde» de 1942 é esta — não temos que partir de mil e uma abstrações para admitir a história...

* * *

Spencer Tracy e Ingrid Bergman suportam o peso da interpretação. Poucas vezes teremos visto dois artistas viver tão notavelmente papéis tão difíceis. Ingrid Bergman, a professora de música de «Intermezzo», tem uma actuação excepcional. A sua Ivy, «canaille», de gargalhadas histéricas, que encontra um dia o Dr. Jekyll e espera viver com ele uma aventura igual às do seu dia a dia — transforma-se, depois, sob a despótica tirania de Hyde, que a submete pelo medo. E nessa fase, torturada e paralisada pelo terror daquele homem satânico — ela é grande! Os seus olhos, a boca os músculos da face, as asas das narinas, obedecem inteiramente à sua vontade e vibram com as explosões do drama, em que se debate! Spencer Tracy pôs todo o seu prestígio de actor na encarnação da dupla personalidade em que se desdobra. Convence como médico — e como monstro!

Os restantes elementos técnicos atingem o mesmo nível excepcional da interpretação. Victor Fleming, perdoad a interpretação «surrealista» das «visões» do médico, no período da transformação (o que significam as giratas e os leões?...), Victor Fleming, dizia, foi em tudo digno do seu nome.

A cena de sedução de Jekyll, no quarto da Ivy (um dos momentos mais altos do filme de Mamoulian) é um prodígio de beleza, em que ele joga com o poder sugestivo de grandes planos, sabiamente fotografados e enquadrados.

* * *

De versão para versão — os traços do «monstro» atenuam-se... No próximo filme, Mr. Hyde revelar-se-á, apenas, por certos «tics» fisiológicos... Sincis dos tempos!

O «monstro», com efeito, já não diverte a máscara. A alquimia, que adormece o Bem, aperfeiçoa-se... O «filtro» dá uma reacção, cada vez menor. Mr. Hyde pode agir sem que ninguém suspeite da transformação que se operou... É por isso que falamos com o Dr. Jekyll, quando o encontramos na rua, com o prudente receio de que seja o Hyde...

É este aspecto do drama escapou a Robert Louis Stevenson — mas não escapará por certo aos argumentistas da Cinelândia, quando fizerem a «Volta do Médico» ou «O Regresso do Monstro»...

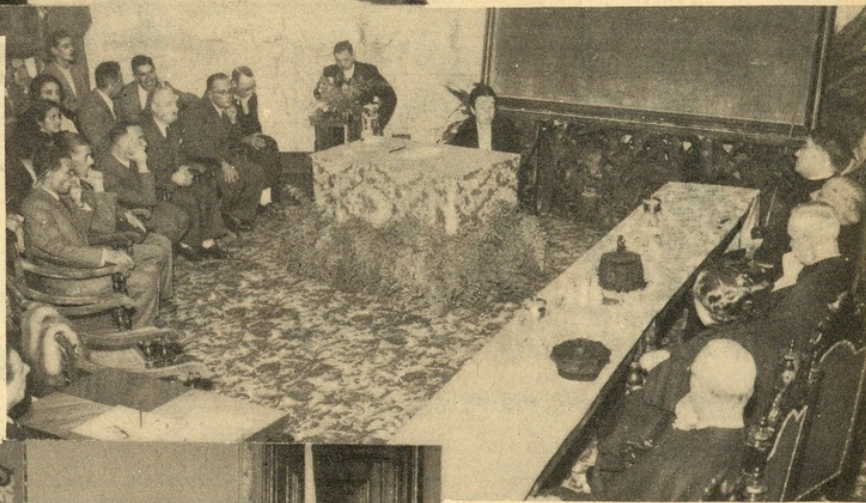
Entre nós

A caminho da Suíça — onde vai fixar residência — esteve alguns dias em Lisboa, o sr. D. Duarte Nuno, que se fazia acompanhar por sua esposa, a sr.ª D. Maria Francisca de Bragança e Orléans e pelos srs. condes de Almada e Avranches e de Castro. No aeroporto de Cabo Ruivo os srs. duques de Bragança eram aguardados por numerosas pessoas, entre as quais os srs. D. João de Almeida, dr. Fernando Pizarro, que representava também o sr. conselheiro Azevedo Coutinho; Rui de Andarde, dr. João de Amaral e conde das Alcáçovas e visconde da Torre.



Pelo sr. dr. Trigo de Negreiros, subsecretário de Estado das Corporações e Previdência Social foi aprovado um novo acordo colectivo de trabalho estabelecido entre os dirigentes e operários da indústria de massas alimentícias do País. A assinatura do documento fêz-se no gabinete daquele membro do Governo, na presença do sr. dr. Henrique Martins de Carvalho, assistente da Acção Social do Instituto Nacional do Trabalho, que interfeiriu no acordo, representantes dos patrões e trabalhadores interessados, alguns funcionários superiores do referido departamento público e drs. Armando Martins e Oliveira Monteiro, consultores jurídicos dos sindicatos.

A sr.ª dr.ª Seomara Costa Primo, assistente do curso de Botânica da Faculdade de Ciências, prestou neste estabelecimento universitário, provas para doutoramento em Ciências Naturais. O acto levou ao edificio da antiga Escola Politécnica centenas de pessoas: professores e estudantes dos cursos superiores. A candidata licenciou-se em 1919 em Ciências histórico-naturais tendo obtido a alta classificação de 18 valores e é a primeira senhora que presta ali provas de doutoramento. Foram argüentes os professores drs. Américo Pires de Lima, da Universidade do Porto, e Artur Ricardo Jorge, da Universidade de Lisboa, e presidiu ao juri o vice-reitor da Universidade Clássica de Lisboa, professor dr. José Gabriel Pinto Coelho.



Para comemorar o «Dia de los Caídos» realizou-se na Casa de Espanha uma sessão solene a que presidiu o Conde de Montefuerte, Ministro-Conselheiro e a que assistiram a sr.ª Embaixatriz de Espanha, general Casimiro Teles e coronel Coutinho de Castro, primeiro tenente Santos Tenreiro, dr. Soares Franco e outras individualidades. Depois de toda a assistência ter feito a continência às bandeiras nacional de Espanha, da Falange e dos Requetés, foi lida uma eloquente oração em homenagem aos que tombaram na guerra de Espanha.



... aqui AMERICA

★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

Emissões dos ESTADOS UNIDOS

EM LÍNGUA PORTUGUESA

(Recorte esta Tabela para referência futura)

Horas	Estações	Dias	Ondas curtas
7.15	WDJ	Todos os dias	39.7 m (7.565 mc/s)
7.15	WRCA	3.ª feira a Domingo	31.02 m (9.67 mc/s)
7.15	WNBI	Só 2.ª feira	25.23 m (11.89 mc/s)
8.30	WRCA	3.ª feira a Sábado	31.02 m (9.67 mc/s)
8.30	WNBI	Só 2.ª feira	25.23 m (11.89 mc/s)
18.30	WDO	Todos os dias	20.7 m (14.47 mc/s)
19.30	WRCA	Todos os dias	19.8 m (15.15 mc/s)
19.45	WGEA	2.ª feira a Sábado	19.56 m (15.33 mc/s)
21.30	WGEA	Todos os dias	19.56 m (15.33 mc/s)
21.30	WDO	Todos os dias	20.7 m (14.47 mc/s)

OIÇA a VOZ da AMERICA em MARCHA



Fala e o mundo acredita

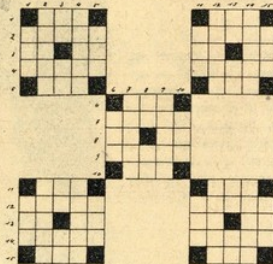
Emissões em LINGUA PORTUGUESA

Horas	Ondas curtas
10.45	{ 24.92 m. (12.04 mc/s) 19.76 m. (15.18 mc/s)
12.15	{ 24.92 m. (12.04 mc/s) 19.76 m. (15.18 mc/s) 18.86 m. (21.64 mc/s)
21.00 (*)	{ 31.75 m. (9.45 mc/s) 40.98 m. (7.32 mc/s) 41.75 m. (7.18 mc/s)

(*) Estas emissões ouvem-se também em ondas médias de 261.1 metros (1.149 kc/s) e ondas compridas de 1.500 metros (200 kc/s).

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 46



meira nota da música; Decifrei. 14— Simples (plural); Vã. 15— Abismo; Viscera dupla.

VERTICAIS: 1— Grande; Chega. 2— Inferno; Curem. 3— Observei; Viração; Clima; Batráquio. 4— Aja; Trabalho. 5— Ensejo; Escarneces. 6— Teia. 7— Percebeste. 8— Único; Progredir. 9— Raspa. 10— Remoinho na água. 11— Semeilhante; Bico de verruma. 12— Penhor; Sustar. 13— Seje; Sua; Carta de jogar; Mofa. 14— Tísico; Amofinim. 15— Círculo; Embocadura de um rio.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 45

HORIZONTAIS: 1— Nome de mulher; Pássaro. 2— Antipatia; Metal branco e precioso. 3— Nota musical; Artigo masculino plural; Atmosfera; Caminhar. 4— Agitação; Arranho. 5— Agora; Salutar. 6— Diana. 7— Epoca actual. 8— Existe; Outra coisa. 9— Arremessa. 10— Epoca notável. 11— Bom gosto; Ceder gratuitamente. 12— Atravessar; Determinar o peso de. 13— Também; Duas vezes; Pri-

HORIZONTAIS: 1— Samba. 2— Moleira. 3— Tal; Aer. 4— Aro; Sic; Ser. 5— Ri; Ratas; M6. 6— Esgaravatem. 7— Ac; Nabão; Na. 8— Ras; Sus; Ido. 9— Ris; Ero. 10— Moldura. 11— Mioma. **VERTICAIS:** 1— Mão; Sim. 2— Triscar. 3— Arear. 12— Sol; Ran; Som. 13— Al; Saras; Li. 14— Meditabundo. 15— Bi; Cavas; Um. 16— Ara; São; Era. 17— Aes; Ira. 18— Remendo. 19— Romão.

O SORRISO DAS QUINTAS-FEIRAS



O EMPREZARIO:— Afinal, o protagonista, no final do acto, envenena-se. Deveria antes suicidar-se com um tiro...

O AUTOR:— Mas para quê?

O EMPREZARIO:— Para nessa altura, despertar o público...

Vida MUNDIAL ilustrada

JOSÉ CÂNDIDO GODINHO— Director; JOAQUIM PEDROSA MARTINS— Editor e Proprietário— Redacção e Administração: R. Garrett, 80, 2.º— Lisboa— Tel. 25844— Composto e impresso nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), Ltd.— Travessa da Condessa do Rio, 27— Lisboa. DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS PARA PORTUGAL E COLÓNIAS: Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 119, 2.º— Telefone 2 6942.

— VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA —

Panorama Internacional

A Nova Fase

por Francisco Velloso

AO rematar a oitava, entre o rumor da ofensiva britânica no Egipto, cai a noticia de que o general Einsenhower, comandante em chefe do exercito americano em França, foi chamado de urgência pelo presidente Roosevelt a consulta sobre questão importante. Um despacho de Washington refere que na sua habitual conferencia com os jornalistas na Casa Branca, o Chefe de Estado norte-americano recusou-se a confirmar a informação, lançada pela agência officiosa francesa. A um recanto dos últimos successos que tanto fazem trepidar neste momento o solo internacional, este simples caso dá tom do ambiente que se deflagra cada vez mais de dia para dia no mundo.

Dir-se-ia que todos os olhares buscam, na névoa do horizonte, o esboçar de um acontecimento sensacional e decisivo que ainda positivamente se ignora qual seja nem por onde surdirá, mas cujo advento já não admite dúvidas.

PRIMEIRO GESTO

A 24 rompiam Alexander e Montgomery uma ofensiva na frente de protecção de Alexandria, entre o mar e a Depressão de Catara, cuja ponta rasgou as defesas inimigas nas alturas de El Almein até Heimenat. Transcorridos cinco dias, a voz que oficialmente relata esta decisão nos comunicados do Cairo, assinala que o movimento é lento e seguro e que entretanto a aviação aliada, cuja superioridade o adversário não nega, continua a varrer centros de retaguarda e portos de abastecimento, como o de Marsa-Matruk, também assaltados e vigiados do mar pelas forças navais britânicas, uma e outras procurando ferir sobretudo os navios-cisternas que levam a Rommel o combustível necessário para a manutenção das suas divisões motorizadas.

Para além destes feitos não decorrem por enquanto outros indicativos de que este arranque do 8.º exercito haja chegado a atingir fundo os limites preliminares de uma repulsão do inimigo, a pontos de lançar a ofensiva em amplos movimentos que determinem Rommel a largar as posições onde há três para quatro meses veio esbarrar, ao pretender surgir em Alexandria e vibrar corte mortal na carótida imperial inglesa de Suez.

E, porém, um facto (e eis o que por enquanto mais importa) que, forte de efectivos que alguns avaliam em um milhão de homens, de material como jámais se ajuntou naquelas paragens, de uma aviação incontestavelmente dominadora, a atonia há tanto tempo mantida nesse teatro de operações, foi quebrada. E tudo indica, pelas palavras de Roosevelt, de Smuts e de Churchill e outros notáveis que, em boa verdade, os Aliados passaram da de-

fensiva quasi apostada à ofensiva imperiosa.

Assim aparece aos olhares dos técnicos este movimento, e assim também se justifica que se formulem nesta conjuntura as grandes interrogações e hipóteses sobre qual venha a ser o rumo do esperado e desejado volte-face da guerra.

O Meaiterrâneo, tal como pensa o marechal sul-africano e já pensavam Auchinlek e outros, seria o pórtico necessário, ou melhor o patamar essencial da reacção aliada. Arrojado um largo relance de olhos ao panorama internacional, pode de facto chegar-se a conclusões interessantes, nas quais a ofensiva da fronteira egípcia se insere como esboço inicial, ou o primeiro gesto. O volume de forças em presença do inimigo confirmá-lo-á com bastas razões.

Mas, após isto, a cadeia das perguntas desata-se, e vem a inquirir-se como e por onde um assalto dos Aliados pode obter a plenitude dos efeitos estratégicos indispensáveis para que o Mediterrâneo torne ao senhorio deles, feitos a que no dia 1.º ao discursar em Cardiff, aludia o ministro inglês da segurança interna, Herbert Morrison, nestes termos: «Estamos esperançados em conseguir expulsar Rommel da África. Não existe no Mundo qualquer outro teatro de guerra onde estejam em jogo tantos problemas estratégicos como no norte de África. A reabertura do Mediterrâneo seria um grande passo em frente para a utilização do poder marítimo, do qual a vitória em grande parte depende. Quando examinamos o panorama da guerra no seu conjunto, e nos lembramos do verdadeiro significado da guerra no mar, podemos bem avaliar qual o papel que a Grã-Bretanha desempenha nesta fase do conflito mundial, que se encontra agora mais próximo do seu ponto nevrálgico do que o esteve naqueles dias em que lutávamos só».

A BATALHA

É já inequívoco que a estreita frente de 60 quilómetros em que se têm produzido os choques por assim dizer maciços de Alexander (desenhados a desfazer progressiva e metódicamente, em assaltos de infantaria e à força de concentrações de fogo de artilharia, a zona fortificada de Rommel em cerca de 7 a 10 quilómetros de profundidade) não permite sequer ataques de flanco. Admitem também os conhecedores do problema, tanto no Cairo como em Londres, que antes de obtidos esses resultados, antes de um recuo alemão provocado por eles, nem são de prever grandes batalhas nem sequer combates de «tanks». Daqui saltar à evidencia que não haja de apresentar-se dentro do actual quadro da ofensiva a solução acima apontada que proporcionaria a reconquista do predomínio do Mediterrâneo ao vencedor—única e última finalidade do esforço do 8.º exercito.

Abarcado, porém, de alto o pro-

blema, éle desdobra-se e revela-se, não ali, mas na frente sul do quadrilátero que faceia com o luar entre El Almein e a fronteira da Tunísia—e é deste que estrategicamente se trata para a Inglaterra e para as Nações Unidas. Por isto mesmo são de considerar o valor de duas posições, que na face sul desse imenso quadrilátero representam por uma banda a linha de protecção das rotas terrestres e aéreas de aprovisionamento e comunicações entre os portos da África Occidental ocupados pelos Aliados e as retaguardas do exercito de Alexander, e por outra os pontos donde partiriam eventualmente, no conjunto movimento ulterior da batalha, dois arremessos contra Bengasi e as bases marítimas de Rommel, e contra a extrema oeste do Golfo de Sirte, já colada à fronteira tunisiana. Pusemos aqui a claro o objectivo da ligação transahariana da África francesa do norte com o grupo de Dakar, que os alemães tanto presam. Aquelas bases—agora as diremos pelo nomes dos oásis de Kufra e Gialo—são a mais directa ameaça a essa ligação.

Supondo-se obtida a posse, pelos Aliados, de toda essa imensa área, a questão do Mediterrâneo (que toda estremece na heróica resistência de Malta) fica, então, posta em equação:—a Alemanha recuada ao continente europeu; a Itália exposta, pelo menos na Sírilia e na Sardenha, a um arrojado golpe inimigo; todas as bases gregas a descoberto; a segurança das retaguardas turcas na Asia Menor e da unidade de frente dos Aliados no Médio e Próximo Oriente, restabelecidas; a attitude da França corrigida, tanto no norte de África como em Vichy (tudo indica que a manobra de Laval é guiada pela espera de um acontecimento decisivo na guerra); resposta como em 1917, diante de Salónica, a hipótese histórica de um ataque ofensivo contra o Reich na linha do Danúbio, seu mortal calcanhar, com o apoio insurreccional das populações balcánicas cujos govêrnos, nesse caso, rapidamente teriam de mudar de face, não sendo aqui desprezíveis o que se passou em Sofia no último Conselho presidido pelo rei Boris, no qual se debateu o mesmo problema politico que na outra guerra se levantou ante a passagem dos exercitos de Franchet d'Esperey, e o'que está a passar-se dentro da Hungria após a morte súbita de Estevam Horty e de seu cunhado.

Caberá somente ao 8.º exercito esta tarefa, de si mesma enorme? Nos últimos dias vozeou-se que não. As viagens de Darlan entre Dakar e Marrocos, as declarações dele e de Nogueis em Fez e Casablanca, acerca da defesa desse retalho da França, perante «quaisquer ataques», os reforços trazidos a Gibraltar, as ordens recentes à navegação, o reavivamento da acção da esquadra submarina e de contra-torpedeiros, sobre os combóios que abastecem Rommel—vieram recordar a indispensabilidade da colaboração naval anglo-americana no desenvolvimen-

to da actual ofensiva no Egipto. As palavras atrás citadas de Morrison valem a tal respeito as últimas do marechal Smuts.

Rommel deve ter hoje na sua mão a maior responsabilidade do exercito do Reich.

FORÇAS EM CAUSA

Indu-lo a crer o afan com que o almirante Doenitz (disse-se há pouco que outra vaga de submarinos do «eixo» fóra atirada para o Atlântico, onde aliás já é conhecida a chegada de submarinos japoneses de grande raio de acção) faz incidir a sua guerra ao longo da África Occidental—acaba de atacar com êxito um combóio nas alturas das Canárias, e é de relembra que o Cabo Palma está apontado como ninho desses navios—e no sul, sobre a costa africana do Cabo, a entrada do Indico, isto é exactamente nas duas linhas de comunicação do 8.º exercito. A guerra no mar que durante todo o ano de 1942 tem cedido passo à guerra no ar, parece pois, voltar a primeiras linhas. A informação recentemente dada pelo Departamento de Guerra norte-americano de haverem sido avariados e afundados 530 submarinos do «Eixo» desde o começo do conflito, introduz também essa conclusão, em que esclarecimentos futuros possivelmente hão-de marcar o vértice do potencial de ataque alemão nos mares. A presença de uma grande esquadra britânica, do comando do almirante Sommerville no Indico, igualmente o confirma. O facto de nesta conjuntura, em plena batalha das Ilhas Salomão, até agora vitoriosa para a bandeira dos Estados Unidos, a esquadra americana do Pacifico se encontrar em inferioridade numerica, segundo há dias disse Knox, leva alguns a inferir que o seu grosso poderá vogar em águas atlânticas para missões mais importantes.

Juntando-se a estes elementos o enorme poder da aviação aliada ante cujos «raids» a alemã foi obrigada a retornar aos assaltos de bombardeamento à Inglaterra, como a opinião do país lhe reclamava, veremos juntos num só feixe, sobre o mapa desmedido da guerra, numa hora crucial, as forças que—alimentadas por uma produção industrial quasi sobrehumana que, por exemplo, nos Estados Unidos absorve já as próprias industrias essenciais ao consumo, conforme as últimas ordens de Donald Nelson—vão inevitavelmente influir na decisão do pleito gigantesco desta guerra.

A campanha alemã na Rússia, à parte o esforço actual no Cáucaso que tanto para Tuapse como para Grozni já não pode ter, entre os gélos densos das serranias, âmbitos estratégicos apreciáveis, entrou definitivamente em choques que perderam interesse militar, em relação com as grandes finalidades que o general Halder, a grande cabeça do estado-maior alemão e planeador supremo desta guerra, lhe demarcara. O seu successor chega posi-

Entre nós



O professor romeno Nicolae Herescu, catedrático de literatura latina na Universidade de Bucareste, proferiu, na Faculdade de Letras, uma conferência acerca da «Poesia e politica nos tempos de Augusto». Presidiu o director daquele estabelecimento de ensino, professor dr. Oliveira Guimarães, que tinha à sua direita o sr. Ministro da Roménia, e à esquerda o professor dr. Gustavo Cordeiro Ramos, presidente do Instituto para a Alta Cultura. O professor dr. António Pinto de Carvalho fez o elogio da conferente em latim, e o conferente em francês.



No salão nobre da Câmara Municipal, realizou-se na tarde de 25 de Novembro uma sessão comemorativa do «Dia da Cidade». Na mesa da presidência, secretariando o Chefe do Estado, sentaram-se os srs. Ministro das Obras Públicas e prof. dr. Gustavo Cordeiro Ramos, presidente do Instituto para a Alta Cultura; coronel Lobo da Costa, Governador Civil; e o presidente da Câmara Municipal, sr. eng. Rodrigues de Carvalho. Aberta a sessão, o sr. dr. Queiroz Veloso proferiu uma conferência acerca de: «Lisboa através da História Portuguesa».



Os licenciados em direito pela Universidade de Lisboa, do curso de 1917-22, comemoraram o 20.º aniversário da sua formatura. Ouviram missa por alma dos condiscipulos mortos e foram à Faculdade de Direito cumprimentar o respectivo corpo docente. Estiveram em Sintra, onde almoçaram, e, à noite, reuniram-se num banquete de confraternização, tendo havido amistosos brindes.



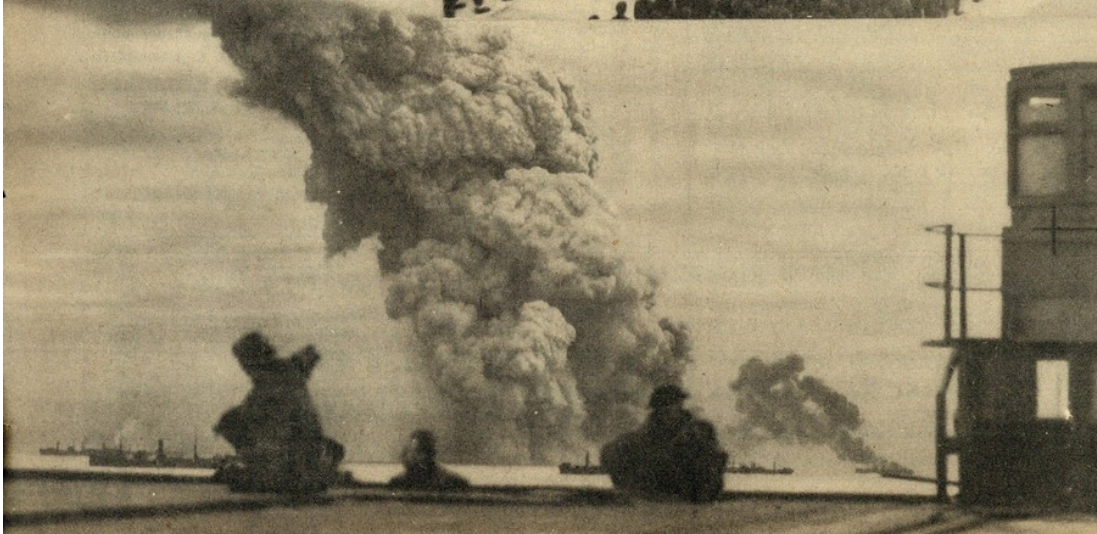
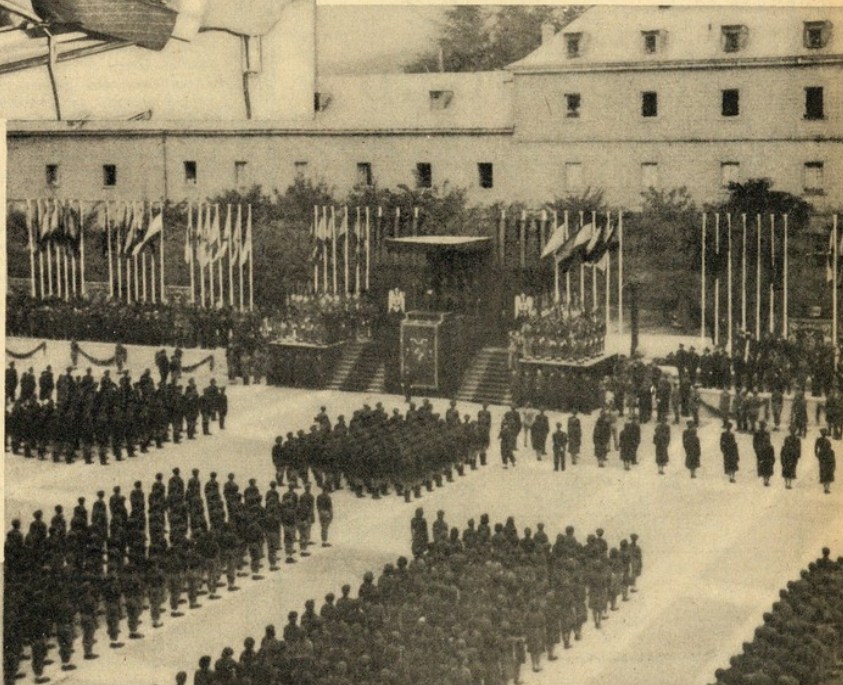
No Parque Infantil do Jardim de S. Pedro de Alcântara realizou Gustavo de Matos Sequeira — jornalista, escritor e arqueólogo — uma conferência sobre «Lisboa e os poetas». A conferência rematou pela recitação dos quadros «O Sol de Lisboa», da sua autoria, feita pelo jornalista Humberto Maranhães tendo os outros versos alusivos

Lá fora



O Presidente Roosevelt visitou recentemente algumas das grandes fábricas da indústria de guerra dos Estados Unidos. A viagem foi de cerca de dez mil quilômetros. O Chefe do Estado norte-americano — vê-se na gravura — saúda, pelo microfone, os engenheiros e operários dum estaleiro, onde assistiu ao lançamento à água dum barco construído em dez dias.

O generalíssimo Franco, ao visitar, há dias, a cidade de Salamanca, discursou perante as formações da Juventude Falangista Espanhola.



Um dos «combóios» britânicos, que saídos de Gibraltar alcançaram a ilha de Malta, foi atacado em pleno Mediterrâneo por aviões inimigos. A fotografia que oferecemos aos nossos leitores é tirada dum porta-aviões britânico quando um dos petroleiros foi incendiado por uma bomba.

PANORAMA INTERNACIONAL

(Continuação da pág. 16)

tivamente em hora de crise ao pé do supremo comando de Adolfo Hitler e de Himmler. O inverno (em Moscovo as tropas vestem já os seus uniformes brancos) vai reinar.

A LEI MAIS DURA

E o grande transe começa. Para os Aliados com o péso de uma ofensiva que gasta os nervos das fábricas, nos treinos, nas carlingas e de baixo de fogo. Para as potências do «Eixo» com outra pressão não menor de uma defensiva que tem de conservar-se em alarmes nas frentes, nas linhas da costa ocidental, na reparação possível dos desgastes da campanha contra a Rússia, na sustentação do moral e do físico das populações, cuidado este que não pode sofrer desvios porque é tão exigente lá como na Inglaterra e nos Estados Unidos onde Wilkie anda a berrar pela segunda frente como um acelerador.

Os avisos de Goering sobre a alimentação no inverno entram a funcionar em cheio. A reunião secreta de Churchill e de Smuts com os mineiros de carvão e ferro ingleses mostra o grau premente da energia britânica neste momento. A transfusão no Reich de massas operárias estrangeiras nos países ocupados pela Alemanha, se bem que supra o desfalque de braços que as fileiras reclamaram, cria dentro da Europa problemas sociais cuja acuidade aqui já apontámos para hoje e para amanhã.

No dia 8, lêmos na nossa imprensa uma transcrição que poderia passar despercebida, mas que tem, para compreensão do caso, uma importância singular. Referia-se à presença na Alemanha de milhões de operários estrangeiros. E o «Deutsche Post ans dem Osten» comentava:

«Por toda a parte, nas fábricas, oficinas profissionais, nos campos, nas repartições, etc., ao lado dos alemães se encontram operários estrangeiros. É evidente — disse o periódico — que a situação militar exige a plena satisfação da necessidade de mão de obra, portanto todas as oficinas de trabalho, quer nas cidades, quer nos campos estão sobrecarregadas de força produtora estrangeira. Deste modo, observa-se uma curiosa convivência dos alemães com o elemento estrangeiros».

Milhões de alemães — continua o periódico — vendo esse fenómeno de convivência com os estrangeiros chegam à conclusão de que os alemães se afastaram duma maneira assustadora da sua verdadeira posição político-social. Não se poderão

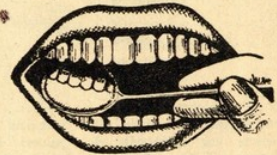
tomar providências para impedir a convivência íntima das mulheres e raparigas alemãs com os estrangeiros, antes do nascimento do filho ilegítimo? Será justo que por este procedimento os filhos ilegítimos venham a ter as mesmas regalias, sob o ponto de vista do desenvolvimento económico, social e político, que disfrutam as crianças de puro sangue alemão?

[Não ficará ameaçada a missão da Nação germânica, se não sustar este envenenamento do sangue alemão? Bastará tomar uma atitude alemã bem clara e tirar dela as respectivas conseqüências, para que se não percam os altos fins imperativos que estamos destinados a seguir — conclue o periódico alemão.

E eis o reverso da medalha que a crise deste inverno vai entremontar por toda a parte como fruto desta catástrofe.

Gengivas sãs

Dentes fixos, sem cárie e sem piorreia



Só com PARGIL

(Produto medicinal)

e nunca com os dentífricos que, martelando na palavra «microbios», não passam de banalidades falsamente medicinais de laboratórios de perfumarias.

PARGIL, duma fórmula complexa (que inclui uma cultura polimicrobiana da flora bucal, esterilizada por um processo que é uma inovação), é um energético microbicida que metódicamente extermina os germes patogénicos que pululam nas bocas, mesmo naquelas que se dizem limpas.

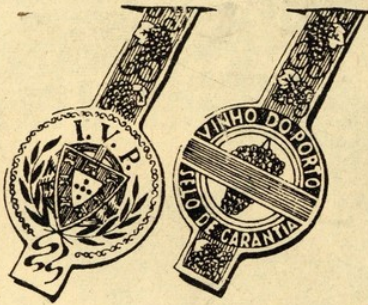
PARGIL não mascara aisamente o hábito nem se limita a evitar as doenças. **A taca o mal na origem, sendo esta a razão dos seus inigualáveis efeitos.**

NAS FARMACIAS E DROGARIAS



1942

O
VINHO do PORTO
dos velhos tempos—corre
o País autenticado pelo
SÊLO de GARANTIA



CREMES

PARA DE DIA
E PARA DE NOITE

ACADEMIA CIENTÍFICA DE BELEZA
Avenida da Liberdade, 35
Telef. 2 1866 — LISBOA
Os produtos de beleza
RAINHA DA HUNGRIA

Para peles normais, embelezam, rejuvenescem e eternizam a mocidade
Salões de estética e de tratamento de beleza por processos científicos



APRENDA RADIO

Encontrará nos nossos cursos um ensino atraente, completo e fácil
Peça folhetos grátis á

ACADEMIA NACIONAL DE RADIO

AVENIDA DR. MANUEL LARANJEIRA, 12

PORTO

UMA GOTTA DE «HERPETOL»

e o desejo de coçar passou. A irritação é dominada. A pele refresca-se e o alívio começa

«HERPETOL»

é um medicamento sério e certo para todos os casos de ECZEMA (humido ou seco), crostas, feridas, arupções, ardenças na pele, etc. ATÉ HOJE AINDA NÃO APARECEU COISA MELHOR

À venda em todas as farmácias e drogarias

Preço avulso: 11\$00



FIGURAS DA VIDA NACIONAL



DOUTOR MÁRIO DE FIGUEIREDO
MINISTRO DA EDUCAÇÃO NACIONAL
(Cariátura de SANTANA)



Henry Morgenthau, secretário de Estado do Tesouro dos Estados Unidos, quando da sua recente estada em Lisboa, ao sair da legação do seu país. O famoso homem de Estado norte-americano, teve uma larga conferência com o sr. Presidente do Conselho, Doutor Oliveira Salazar.

Leia neste número um artigo sensacional:
SMUTS, SEGUNDA SORTE DA INGLATERRA
Recordações de **FRANCISCO VELLOSO**